

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

JAQUELINE PEREIRA DE PINA

Influência da telenovela brasileira no cotidiano de Cabo Verde
(Estudo de caso telenovela “ América”)

Juiz de Fora
Fevereiro de 2007
Jaqueline Pereira de Pina

Jaqueline Pereira de Pina

AS INFLUÊNCIAS DA TELENVELA BRASILEIRA NO COTIDIANO DE CABO
VERDE (Estudo de caso Telenovela ``América´´)

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para
obtenção de grau de Bacharel em
Comunicação Social na Faculdade de
Comunicação Social da UFJF

Orientador: Cristina Brandão

Juiz de Fora
Fevereiro de 2007
Jaqueline Pereira de Pina

As influências da telenovela brasileira no cotidiano de Cabo de Verde
(Estudo de caso Telenovela ``América´´)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Cristina Brandão

Trabalho de Conclusão de Curso / Dissertação aprovado (a)
em 05/02/2007 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Cristina Brandão (UFJF) – Orientador

Prof. Dr. Eduardo Leão (UFJF) - Convidado

Prof. Dra. Marcia Falabella (UFJF) - Convidado

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
fevereiro de 2007

"Para que a cultura desempenhe o papel que lhe cabe no movimento de libertação, este deve permanecer com precisão os objetivos a atingir para que o povo represente e dirige reconquiste o direito a ter sua própria história e a dispor livremente das suas forças de produção, com vista ao desenvolvimento ulterior de uma cultura mais rica, profunda, nacional, científica e universal".

Amílcar Cabral

Primeiramente agradeço a Deus.

Ao meu Pai, **Joaquim de Pina** (in memoriam) por ter me ensinado tudo que sei hoje, e por me deixar escolher meu caminho, pena que este caminho que escolhi acabou nos separando e não pode te dizer um “Obrigado” pessoalmente, mas sei que você está sempre comigo. Achava que sair de casa e morar num outro continente era a fase mais difícil da minha vida, mas não é. O difícil é voltar pra casa e não ter ele por perto. Dedico este trabalho ao meu Pai. Te amo e sempre te amarei Pai.

A minha querida e adorada Mãe, Idalina Pereira, que parou a sua vida, e foi em busca de recursos para realizar o meu sonho. E esses quatro anos que nos separaram foram anos de muitas dificuldades, mas só de pensar que você existe e esta sempre junto comigo superei as dificuldades e ganhei mais força para seguir em frente em busca do meu ideal. Valeu á pena Mãe. Obrigado pela vida, pelo carinho, atenção e por tudo.
AMO-TE MUITO.

Aos meus irmãos, Nair, Katiza, Ivan, Nelo e Neli pelo incentivo e companherismo., que mesmo á distância sempre torceram por mim, e por entenderem a decisão da minha Mãe.
AMI É DODU NA NHOS (Adoro vocês)

AGRADECIMENTOS

Aos meus colegas da faculdade pela recepção e por tudo. A Francini, Haydeé e principalmente a Viviane vai um muito obrigado pelos anos que vocês me aturaram e pelos momentos bons que passamos juntos. NUNKA CA TA SQUECE DE NHOS (nunca esquecerei de vocês)

Aos meus amigos (as) principalmente Rhynia, Memsi, Lutchy e Adí por estarem sempre comigo nos momentos de alegria e de tristeza e por terem me ensinado a dar mais valor à palavra amizade. Dodu na nhos sempri. (Adoro vocês)

Com ele aprendi o verdadeiro significado da palavra “AMOR”. Guido obrigado por tudo e principalmente por ter me ensinado a acreditar nas minhas capacidades.

Agradeço a minha orientadora Cristina Brandão pelo empréstimo de livro, pelas dicas, pela paciência e por ter aceitado me orientar. Muito obrigada

E um muito obrigado ao professores e funcionários da Facom. Valeu.

Não posso esquecer da UFJF que abriu as portas para nos africanos e pela vaga. Obrigada.

E por fim um muito obrigado aos meus companheiros de luta. A todos os africanos que atravessaram o atlântico em busca de novos conhecimentos. Nós somos o futuro e a esperança da África. Obrigada e boa sorte a todos.

SINOPSE

Este trabalho foi feito com o objetivo de verificar quais os fatores responsáveis pela grande aceitação do público caboverdiano com relação às novelas da TV Globo. O trabalho foi motivado pelo fato de as novelas globais retratarem uma realidade que não a de Cabo Verde. Foi feita uma pesquisa de campo com três famílias caboverdianas de níveis sociais diferentes com um questionário de perguntas abertas e fechadas. Verificou-se uma grande influência das telenovelas sobre o comportamento, ditando desde a moda até o tema de debate na sociedade. Apesar dessa grande influência, a cultura caboverdiana não perdeu força e ainda é preservada nas danças, na culinária, a língua, nas manifestações populares em geral. O motivo que faz o povo caboverdiano aceitar e consumir os produtos da indústria cultural brasileira é a identificação entre esses dois povos. O Brasil é uma fusão de raça, sangue e cultura fornecidos pelos africanos e portugueses que vieram para cá. Agora Cabo Verde, que também sofreu a influência de colonizadores de Portugal, recebe em troca a contribuição cultural dos brasileiros, seus “irmãos de sangue”. Palavras-chave: Cabo Verde. Telenovela brasileira. Cultura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. HISTORIA DE CABO VERDE.....	13
2.1. A INDEPENDÊNCIA.....	16
2.2. A CULTURA.....	17
2.3. POLÍTICA E ECONOMIA.....	18
2.4. FORMAÇÃO DA SOCIEDADE CABOVERDIANA.....	19
2.4.1. Os valores tradicionais e as relações familiares.....	22
3- CHEGADA E DESENVOLVIMENTO DA TV EM CABO VERDE.....	27
4- AS VÁRIAS FACES DO RECEPTOR.....	32
4.1 AS TELENOVELAS DA TV GLOBO: PRODUTOS EXPORTADOS.....	35
4.2. AS TELENOVELAS PRODUZIDAS PELA REDE GLOBO:.....	40
4.3. RECEPÇÃO DA PRIMEIRA TELENOVELA EXIBIDA EM CABO VERDE...	40
4.4. A HORA DA NOVELA, UMA TRADIÇÃO.....	43
4.5. TELENOVELA “AMÉRICA”.....	45

4.6. ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	47
5. MUDANÇAS E INFLUÊNCIAS.....	49
5.1 NO COMPORTAMENTO.....	53
5.2. NA MODA E NA MÚSICA.....	55
5.3. NO DIA- A- DIA.....	60
6. CONCLUSÃO.....	62
7. BIBLIOGRAFIA.....	65
8. ANEXOS	

1- INTRODUÇÃO

Em maio 1460, os portugueses descobriram na costa da África um lugar lindo, constituído por dez ilhas com praias paradisíacas, que foi batizado de Cabo Verde. Em 1466, foi povoado por habitantes nativos da costa ocidental da África, genoveses e portugueses. Com o passar do tempo, a fusão de brancos e negros deu origem à mestiça sociedade caboverdiana.

O dia a dia do povo africano sempre foi de muito trabalho e lutas, em que todos precisavam trabalhar, fossem crianças, adultos ou idosos. Alguns deles iam para o roçado, outros para a casa dos fidalgos e suas lavouras. No final do dia era a hora de reunir a família e toda a vizinhança. Mulheres e crianças, sentadas na porta da casa, seguiam a narração de um conto, sempre contados pelos mais velhos, considerados na época os mais sábios. As histórias misturavam realidade e ficção, em que a trajetória de lutas e conquistas dos antepassados ganhavam uma pitada de imaginação, folclore e crenças populares.

Os homens eram levados para trabalhar na roça em São Tomé, deixando a família, com perspectiva de uma vida melhor. As despedidas eram tomadas por lágrimas e esperança nos olhos daqueles homens desamparados, cujo destino parecia ser ou morrer de fome em Cabo Verde ou de doença em terra estranha.

Por volta de 1942 e 1943, a fome assolou Cabo Verde, principalmente a Ilha do Fogo. Esta época marcou para sempre a desolação das famílias da pobreza, vendendo um a um os poucos pertences que tinham acumulado ao longo dos anos, como os casos de pais que tinham sido obrigados a trocar cada telha da sua casa por uma bolacha, no esforço de salvar os

filhos de morrer de fome. Nesse tempo Cabo Verde era uma terra sem esperança de futuro. Mas o seu povo sempre acreditou e lutou para a sua independência.

O governo português mantinha-se surdo à tragédia do povo das ilhas. Aos poucos, os africanos começavam a despertar da longa letargia que os fizera sujeitar-se a séculos de dominação estrangeira. “Essa geração sentiu que era imperativo ir para além das palavras e lutar pela causa deste povo, que vinha sofrendo abandonado ao longo de séculos e mais séculos; tinham que ser os caboverdianos a tentar resolver os problemas das suas ilhas” (PIRES p.disponível: <<http://www.presidenciarepublica.cv>>).

Em 05 de julho de 1975, foi a realização de um sonho e o início da nova era do povo caboverdiano: foi proclamada a independência de Cabo Verde, pondo fim a séculos de exploração.

No dia 12 de março de 1984, nove anos depois da independência de Cabo Verde, nasceu a primeira televisão de Cabo-Verde, que só veio a ser oficializada por meio do Boletim oficial de 31 de dezembro de 1984. Anos mais tarde, foi exibida a primeira telenovela brasileira, “O Bem Amado”. A telenovela chegou e revolucionou o país mudando hábitos e costumes da população.

“Daqui a pouco mais um capítulo da novela América”. Avisa a TCV (Televisão de Cabo Verde). A telenovela brasileira, o programa de maior audiência do país, vai começar. Todo mundo corre para casa, gritando: “Gentis novela djá começa”¹, avisando aos outros que ainda não haviam escutado o chamado. Quem não possui uma televisão em casa, vai para a casa do vizinho.

¹ “Pessoal, vai começar a novela”

Nove horas. Essa é a hora mais esperada do dia, quando crianças, adultos, velhos, todos aguardam com muita ansiedade. O silêncio toma conta das dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde e as famílias, até mesmo os vizinhos, se juntam em frente à telinha. Durante os intervalos, começam as discussões sobre cada assunto que passou na trama. E assim, termina mais um dia de rotina de muitos caboverdianos.

Esse trabalho vai abordar o comportamento da recepção frente aos veículos de comunicação de massa. O objeto de estudo será a novela “América” a mais atual telenovela brasileira transmitida em Cabo Verde, analisando o seu impacto na recepção. A maneira como a telenovela é decodificada e consumida pelos telespectadores é tão importante quanto estudar sua estrutura, conteúdo e evolução, enquanto gênero ficcional.

Busco apresentar, entender e discutir a influência da telenovela brasileira no dia a dia das famílias caboverdianas e como ela se reflete em outros meios de comunicação (revistas, rádios e jornais).

Para confirmar as hipóteses levantadas, fizemos uma pesquisa de campo, buscando uma análise qualitativa dos depoimentos e dados empíricos obtidos. As questões a serem abordadas nesse método serão baseadas em informações prévias sobre o campo, seus costumes e particularidades e buscando ainda determinar um período da novela para estudar (telenovela América).

Elaboramos um questionário com 16 perguntas abertas e fechadas. Escolhemos três famílias de condições econômicas diferentes e aplicamos os questionários com seus membros sobre telenovela e a influência de “América”, dando muita atenção aos seus comportamentos e atitudes diante de cada episódio.

2- HISTÓRIA DE CABO VERDE

Em maio de 1460, os navegadores portugueses Antônio de Noli, Diogo Afonso e Diogo Gomes descobriram o arquipélago composto por dez ilhas e cinco ilhéus que perfazem uma superfície de apenas 4.033 km². Em contrapartida, dispõe de um espaço marítimo exclusivo que ultrapassa 600.000 km² e fica situado ao largo do Oceano Atlântico. A cerca de 455 km do promontório, recebeu o nome de Cabo Verde². As ilhas e ilhéus formam dois agrupamentos segundo a sua posição em relação aos ventos dominantes do nordeste: as ilhas de Barlavento: Santo Antão (779 km), São Vicente (227 km), Santa Luzia (35 km), São Nicolau (343 km), Sal (216 km) e Boavista (620 km), e os ilhéus Brancos (3 km) e Raso (7 km). E as ilhas de Sotavento: Maio (269 km), Santiago (991 km), Fogo (476 km) e Brava (64 km), e os ilhéus Grande (2 km), Luís Carneiro (0,22 km) e Cima (1,15 km).

Há quem diga que os povos árabes já haviam estado nas ilhas á procura de sal, na época considerado uma especiaria. No entanto, não existem documentos comprovando que foram eles os primeiros a chegarem às ilhas.

Cabo Verde encontra-se localizado na zona sub-saheliana, O arquipélago é caracterizado por condições climáticas de aridez e semi-aridez. Conta com duas estações: a das chuvas ou “das águas” (muito irregulares) – de agosto a outubro – e a estação seca, ou o “tempo das brisas”, que vai de dezembro a junho. O período de julho a novembro são

² Mapa na pág.15

considerados meses de transição. A penúria em água é uma constante. As secas são freqüentes e no passado (até os finais dos anos 40), acarretavam a fome que dizimava, por vezes, 10 a 30% dos seus habitantes.

Como o arquipélago era desabitado, os portugueses deram início ao povoamento. Foi povoado por habitantes nativos da costa ocidental da África, genoveses e portugueses. Com o passar do tempo, a fusão de brancos e negros foi dando origem à mestiça sociedade caboverdiana.

Tem bispo próprio e cerca de cinquenta casas de portugueses alguns casados com mulheres de Portugal, outros com negras, outros ainda com mulatas que são mulheres nascidas de brancos e negras, estimadas por eles mais do que as portuguesas, sabendo-se por experiência que ter relações com elas não só é menos nocivo como até de maior deleite. Por isso, há quem estime mais uma mulher morena que uma branca porque na realidade parece que aquele céu inclina e faz desejar mais as naturais do país do que estrangeiras, vendo-se até demasiado que quem não as tem como mulheres, procura rapidamente tê-las como concubinas. Por fim, levados pelo afeto, acabem por casar e viver com elas muito contentes do que se fossem de mesma nação; não tanto por serem mais saudáveis, como se disse, mas porque trabalham mais, sendo também muito verdade que algumas, não apenas em relação ao valor e juízo mas também quanto a feições e aspecto do corpo, ultrapassam em muitos as nossas mulheres européias, pondo de lado a desvantagem da cor que nem sequer é tão considerável por algumas que vi eram tais que nem sequer a cor me dava qualquer enfado.(ANDRADE, E. 1996 P.6)

Por ocupar uma situação privilegiada, na encruzilhada entre os três continentes, Europa, América e África, Cabo Verde foi um entreposto importante para os portugueses no chamado tráfico negreiro. Os escravos eram capturados e levados para o arquipélago de onde seguiam mais tarde para trabalhar nas produções de cana-de-açúcar, café e algodão no Brasil e nas Antilhas.

Antônio de Noli chegou à ilha de Santiago, em 1462, acompanhado de sua família e de alguns portugueses de alentejo e algarve e se instalaram na cidade de Ribeira Grande. Em 1466 deram início à povoação das ilhas de Cabo Verde. A primeira cidade foi construída por europeus nas colônias, a cidade de Ribeira Grande. Ficou ativa por mais de três séculos, antes que a capital fosse transferida para a cidade da Praia, capital de Cabo Verde nos dias atuais.



2.1. A independência

Em 1956, Amílcar Cabral criou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), lutando contra o colonialismo e iniciando uma marcha para a independência. Em 19 de dezembro de 1974, foi assinado um acordo entre o PAIGC e Portugal, instaurando-se um governo de transição em Cabo Verde. Em 5 de julho de 1975, após mais de uma década de luta armada nas selvas da Guiné Bissau, foi proclamada a independência de Cabo Verde. As reformas políticas foram estabelecidas em 1990, possibilitando a primeira eleição presidencial livre no país. Um ano mais tarde, Antônio Mascarenhas Monteiro foi eleito presidente da república de Cabo Verde.

Em decorrência de pressões por parte de círculos acadêmicos e da Igreja, o sistema multipartidário foi introduzido na Constituição de 1992. O Presidente Mascarenhas Monteiro foi reeleito em fevereiro de 1996, pelo partido Movimento Para a Democracia (MPD). Em 2001, novas eleições deram vitória ao Partido Africano para a Independência de Cabo Verde (PAICV), elegendo Pedro Pires, que até hoje governa o país. A população era de 350 mil habitantes em 1991, sendo as ilhas de Santiago, Santo Antão e São Vicente as de maior número de habitantes. Hoje a população de Cabo Verde é de 500 mil habitantes.

2.2. A cultura

Pelo fato de ser habitada por vários povos, Cabo Verde possui uma mistura cultural muito grande. Essa miscigenação é vista na cor da pele, na música, na dança, na culinária, nos trajes e no estilo de vida. A população é formada de 70% de mestiços, 28% de negros e apenas 2% de brancos. As manifestações culturais mais comuns têm como base a dança e a música. Dos ritmos musicais típicos, destacam-se o batuque, funaná, morna e a coladeira.

É impossível falar da cultura de Cabo Verde sem mencionar a culinária do país. É bastante diversificada, e entre os pratos típicos destacam-se a "cachupa" e a "djagassida", ambos tendo como ingredientes básicos o milho e o feijão.

A língua oficial é o português, usada nas escolas, na administração pública, na imprensa e nas publicações, mas nem toda a população sabe falar correto o português. A língua nacional de Cabo Verde, (a língua do povo) é o crioulo caboverdiano (*criol, kriolu*). O crioulo está oficialmente em processo de normatização e discute-se a sua adaptação como segunda língua oficial, ao lado do português. A tradição oral em Cabo Verde é tão forte que a língua dos colonizadores não permaneceu. A cultura crioula do país é registrada por suas contribuições distintas na literatura e na música. As composições musicais melancólicas conhecidas como mornas e poesia de crioulo são características. Em Cabo Verde, a religião predominante é o catolicismo.

2.3. Política e economia

Cabo Verde é uma república multipartidária com uma constituição datada de 1992. O presidente é eleito diretamente por um período de cinco anos. A bancada legislativa é formada por um grupo de nacionais, que escolhe o primeiro ministro. O sistema judicial é dirigido pela Suprema Corte de Justiça.

A economia caboverdiana tem como base a agricultura e a pesca. Devido ao clima quente, a agricultura é mais voltada para o consumo interno, mas com pequenas exportações, principalmente de banana e café. Cultiva-se, principalmente, milho, feijão batata-doce, cana-de-açúcar e café. A fauna marinha contribui com a outra parte das exportações. Muito procurada principalmente pelos europeus, a lagosta e outros frutos do mar são os de maior escoamento. O atum constitui também uma das grandes riquezas marinhas do país, sendo exportado fresco e em conserva. Reunindo potencialidades para um turismo atrativo, o país conta com as remessas dos seus imigrantes, o que contribui significativamente para a balança de pagamentos de Cabo Verde.

O ensino médio é gratuito entre as idades de 7 e 14 anos e aproximadamente 90 % das crianças em idade escolar estudam em escolas primárias. O ensino superior é uma das principais carências do país. Mas o Estado tem investido na formação de professores, levando em consideração o fato de a educação ser um setor absolutamente estratégico. No final dos anos 90, surgiu no país o Instituto Piaget, onde são ministrados vários cursos. O ensino universitário tem vivido muito à base de bolsas em outros países, como Portugal (com cerca da

metade dos bolsistas), Brasil (32%), Espanha (sobretudo Ilhas Canárias), Cuba, Senegal e Rússia.

2.4. Formação da sociedade caboverdiana

Segundo Antônio Carreira (1977), tendo em consideração o processo histórico de formação da sociedade caboverdiana, a estrutura familiar reflete as características deixadas pela intensa miscigenação de elementos masculinos europeus, de variados estratos sociais, com elementos femininos de origem africana, trazidos do continente para o arquipélago, voluntariamente ou não.

Os europeus lá chegavam, quase sempre, desacompanhados de suas esposas. A união do homem branco com a mulher negra foi, socialmente aceita. Não se olhava nem se dava importância ao cargo que o homem ocupava. Daí são originários os inúmeros descendentes de capitães-mor, governadores, marinheiros etc. Os padres, seguindo as normas da Igreja, pregavam e estimulavam a regularização dessa união.

A Igreja, instituição legitimadora de conduta e concessora de títulos e prestígios aparece como a única instituição que tinha o poder de reconhecer a união entre o homem e a mulher.

Na mentalidade da Contra Reforma, então dominante, não se reconhecia como equivalente do matrimônio as “situações de fato”, tais como as diferentes formas de manéncia entre homens principais e as suas amantes negras e mulatas. O ideal de conduta, que conferia prestígio, continuava a ser o matrimônio celebrado segundo os cânones do reino e da Igreja, como também o casamento concertado e abençoado pelos pais e tutores.(CORREIA E SILVA, 2001 p.335)

O homem branco casado na Europa, mesmo que levasse a família para as ilhas, não tardava em unir-se à mulher da terra, escrava ou livre, sem se ater à prometida fidelidade conjugal. João Lopes Filho mostra também que a mestiçagem que se desenvolveu em Cabo Verde não tem sido, em princípio, fruto do amor do homem branco pela negra, mas simplesmente o fato de haver uma carência de mulheres brancas no arquipélago.

A relação com homens de posição social superior também era um mecanismo de ascensão social, apesar de ter sido censurada e combatida pela Igreja. Correia e Silva afirma que não foram raros os casos das escravas que mantinham relações sexuais com os seus próprios senhores, obtendo deste fato posições materiais e simbólicas importantes no seio da fazenda.

Em refutação da situação “mulher vítima”, o autor defende que “os laços afetivos são manipulados pelas estratégias de ascensão social sutilmente delineada pelas mulheres”.

Podemos constatar como é realçado por Antônio Carreira que a sociedade no todo, ou em grande parte, aceitou pacificamente que o homem, mesmo casado pela Igreja, pudesse viver maritalmente com uma ou mais mulheres ao mesmo tempo, sendo, quase sempre, cada uma delas em casa própria. Nas ilhas esse tipo de ligação foi mais ou menos aceito pela comunidade sem grande constrangimento

Uma carta que data de 1784 mostra como se edificava a sociedade de Santiago, o que segundo Carreira poderia se aplicar a todas as restantes ilhas.

Podemos perceber que, do ponto de vista sexual, instituiu-se nas ilhas, desde muito cedo, uma tendência para a união livre, generalizada em todas as ilhas e em todos os estratos sociais. Oficialmente, o regime matrimonial vigente era a monogamia, mas na prática a monogamia era imposta somente às mulheres. Da mulher exigia-se castidade e fidelidade

absoluta. Isto está inserido num processo educativo e socializante que se iniciava muito antes do casamento.

Analisando o perfil do escravocrata, Correia e Silva afirma que os objetivos da classe regulavam o comportamento sexual dos membros uma vez que :

Na sociedade agrária de então o controle do casamento dos herdeiros, mesmo o de mancebos, tornara-se um fator de maior relevância. Quanto aos rapazes, porém, a restrição não recaía tanto sobre a sexualidade, mas sim, sobre o casamento. A estes, diversamente das donzelas, a sociedade tolerava uma sexualidade socialmente permissiva, sobretudo quando as parceiras fossem escravas ou forras . (CORREIA, A.1997:p23)

Engels (1991), baseando-se no materialismo histórico, corrente teórica da qual também é fundador, aborda a questão das diferenças entre os gêneros e a questão da monogamia. Assim, na obra “A Origem da Família e da Propriedade Privada”, este pensador explica que pela divisão do trabalho cabia à mulher os afazeres da casa e ao homem o trabalho externo, onde ele pudesse assegurar a subsistência da família. Com as riquezas, aumentou o prestígio do homem que, contrariando a ordem de herança matrilineal, passou a usar o seu poder a fim de deixar para os filhos o que, pelo sistema matriarcal, com a sua morte, iria para sua mulher. Assim aboliu-se o direito hereditário materno, que foi substituído pelo direito hereditário paterno.

E foi neste contexto histórico e nos condicionamentos sociais que se originou a família caboverdiana.

2.4.1. Os valores tradicionais e as relações familiares

As telenovelas propõem valores, estratégias de vida e modelos de comportamento, e os receptores refletem acerca de suas vidas, sobre os papéis e os valores sociais vigentes em suas comunidades. Para explicar o contexto da recepção das telenovelas brasileiras no cotidiano e na família caboverdiana, precisamos entender como se deu a formação da sociedade do país e compreender seus valores tradicionais e as relações familiares.

João Lopes Filho afirma que o que podemos considerar como “família caboverdiana”, assenta na continuidade da tradição colonial, numa relação onde é patente o domínio do homem em relação à mulher, fato que, segundo ele, deve-se ao caráter patriarcal da escravatura doméstica:

A mulher nestas ilhas foi desde muito cedo considerada como produtora de trabalho e como objeto de prazer pelos senhores e donos, fatos que ao longo dos tempos marcaram a maneira do homem caboverdiano entender a mulher normalmente como ser inferior. (LOPES E FILHO, 1979:p.75)

Pedro Calderan Beltrão defende a família como “um grupo social” caracterizado por residência comum, colaboração econômica e reprodução. Inclui, pois, adultos de sexo diferente, dos quais dois ao menos mantêm relações sexuais socialmente aprovadas, e um ou mais filhos, próprios ou adotados, dos adultos que coabitam sexualmente.

Este autor destaca três tipos de organização familiar: a família nuclear ou conjugal, que é formada pelos pais e os respectivos filhos, e onde ocasionalmente entram tios, sogros e domésticos; a família poligâmica ou poliândrica, que é formada por mais de um núcleo familiar ligados por progenitores comuns -se o progenitor for a mulher temos a poliandria e se

o progenitor for o elemento masculino temos a poligamia; e a família extensa, que é constituída pela família nuclear do adulto e a dos seus pais.

No caso de Cabo Verde, não poderíamos classificar a família como pertencente a um dos tipos acima citados. Encontramos uma multiplicidade de agregados familiares que englobaria todos os já citados e outros, que por força das circunstâncias culturais e sociais apareceram no arquipélago. Como exemplo encontramos o tipo de “Lar Simples”, que corresponderia à família nuclear, constituído por um casal, unidos ou não pelo casamento mas reconhecidos socialmente, e pelos respectivos filhos.

O correspondente à família extensa é a família alargada, onde encontramos várias gerações convivendo sob o mesmo teto. Há casos em que jovens casais não deixam a casa dos pais, e outros, em que trazem para casa um parente mais velho, tio, pai, mãe ou avó.

Podemos encontrar também famílias que têm em comum o mesmo progenitor, o que no caso caboverdiano é sempre um homem. Assim é o caso de alguns homens casados que têm uma família legítima e possuem outros filhos, com as quais geraram um novo núcleo familiar. O número de filhos, na tradição crioula, atesta a virilidade do homem e o número de mulheres a sua fama de conquistador.

A família caboverdiana não se baseia apenas na relação de consangüinidade, visto que, podem incluir membros entre os quais não existam laços de parentesco sanguíneo, como os meninos adotados e os afillhados.

Do exposto nasce a mãe de criação, que é uma instituição da cultura caboverdiana. Um dos casos mais comuns na sociedade caboverdiana é o caso das mães solteiras (*mai de fidjo*), mulheres que devido à emigração, morte ou abandono do cônjuge se tornam chefes de família e vivem sem depender de homem algum. De certo modo, são discriminadas, pois segundo ditos populares “casa sem homem é um navio sem capitão” e “mulher sem homem

não é nada”. Um dos artificios geralmente usados para manter presente a figura do homem da casa é a colocação de uma fotografia deste na sala de estar. Acontece nos casos em que o homem é emigrante ou trabalha fora da ilha. Essa foto participava na educação dos filhos como uma espécie de olho invisível e também mantém viva a presença do chefe da casa para os visitantes e membros da comunidade.

Analisando as relações no interior do agregado familiar, Lopes Filho defende que toda trama se desenrola à volta do paternalismo e da autoridade do mais velho, sendo este pai ou irmão.

A sociedade caboverdiana assumia aspectos de uma sociedade masculina, onde se assiste a uma predominância e valorização do homem, dos seus valores e ações, ao passo que a mulher era quase sempre menosprezada e desvalorizada, remetida para o desempenho das atividades domésticas, às quais era atribuído pouco reconhecimento social.

Na relação homem-mulher na família, o homem é o chefe e nessa posição a sua opinião e decisões prevalecem. Ele é a autoridade máxima e qualquer pessoa que viva sob o seu teto tem que respeitá-lo. Exerce a sua autoridade de modo arbitrário, de forma rigorosa, inspirando ao mesmo tempo temor e respeito.

A influência da mulher, segundo Lopes Filho, no quotidiano vivido contrariava um pouco a teoria. A administração da casa era feita pelos cônjuges e a cada um deles competiam tarefas bem distintas. Considerando a exceção dos maridos que consumiam na taberna todo o soldo, geralmente este costumava entregar à mulher todo dinheiro arrecadado. Esta devia, utilizando este dinheiro, suprir todas as necessidades do lar e dos filhos.

Podemos (...) dizer que a relação entre o homem e a mulher, apesar dos preconceitos e valores tradicionais, era bastante positiva, uma vez que, na sociedade caboverdiana havia a possibilidade de facilmente se romper o agregado e de procurar uma nova união, decorrente dos próprios condicionalismos sócio-culturais presentes na formação e composição dos agregados. (LOPES FILHO, 1979:P.141)

A relação entre o pai e os filhos é pautada por extremo respeito e obediência enquanto que as relações dos filhos com a mãe são mais abertas. Os filhos, a partir da adolescência, costumam confrontar-se com as mães, dado que era uma relação mais flexível. A filha é, geralmente, mais chegada à mãe do que ao pai, mas o respeito e a obediência a este estavam sempre presentes.

Na família tradicional caboverdiana este respeito e obediência se estende também ao ancião. A condição social do idoso nesta estrutura familiar é muito valorizada, uma vez que desempenha funções importantes tanto para a família como para a comunidade no geral.

O estatuto do ancião permite-lhe obter respeito, amizade, carinho e reconhecimento público dos seus serviços e ações. Por outro lado, impõe uma conduta cuidadosa ao ancião, uma vez que a sua posição torna-o exemplar (...) já que esta serve para reforçar o seu prestígio: não bate na mulher, não levanta a voz ao falar, pelo que se ajuda um velhinho bêbado, dá-se-lhe o lugar no passeio, beija-se-lhe a mão e pede-se lhe a bênção, dá-se-lhe o lugar de honra na família ou na comunidade em ocasiões especiais.(LOPES FILHO, 1979: P. 141)

O sentido da honra aparece como um dos valores morais na sociedade tradicional caboverdiana. Cabia sempre ao homem, ao chefe da família, zelar pela manutenção da sua honra e pela da sua família. A mulher, na sua condição inferior, não era tida como capaz de defender a sua honra e cabia ao pai ou ao marido defendê-la. Ela contribuía para a manutenção da honra do seu responsável através de uma atitude recatada e de obediência.

A contribuição da mulher para a honra do homem é mínima, permitindo apenas a sua conservação, mas a sua influência na desonra é tremenda. A mulher precisa estar sempre sob o olhar atento do pai ou do marido. Segundo Lopes Filho a mulher ascende socialmente a partir do casamento "... é pelo casamento e pela maternidade que a mulher atinge uma posição privilegiada, pelo fato de ser esposa e mãe, única forma da mulher se redimir da sua impureza primitiva...".

Quando a honra é maculada ela exige reparação. A gravidez das filhas solteiras era uma desonra, que em busca da reparação da honra eram expulsas de casa ou exigiam o casamento. No caso da infidelidade conjugal, as medidas para a reparação da honra podiam ser mais drásticas. Hoje, depois de muitas influências, principalmente dos meios de comunicação, a sociedade caboverdiana sofreu várias modificações principalmente na estrutura familiar. Esses valores tradicionais foram se modificando e para os mais velhos “*des que novela começa dadu, tudo cusas dja muda*”³

³ Desde o aparecimento da telenovela, as nossas tradições foram se modificando.

3-CHEGADA E DESENVOLVIMENTO DA TV EM CABO VERDE

Não encontramos em Cabo Verde publicações que se referem à chegada da televisão no país. Por meio de entrevistas e pesquisas de campo com antigos moradores, chegamos a uma versão folclórica sobre a chegada da televisão no país.

Considera-se televisão a retransmissão ou transmissão, codificada ou não, de imagens não permanentes e sons através de ondas eletromagnéticas ou qualquer outro veículo apropriado, propagando-se no espaço ou por cabo, e destinada à recepção pelo público, com exceção dos serviços de telecomunicações que operam mediante solicitação individual. (Boletim Oficial da República de Cabo Verde, 29 de junho de 1998, artigo 2º)

Tudo começou com Chibeto Faria, gerente de um banco, que morava em São Vicente, uma das ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde. Para captar os sinais televisivos enviados de Senegal e das Ilhas Canárias (Cabo Verde não possuía emissora própria), ele precisava transportar o seu aparelho de televisão em um burro até o Monte Verde (aproximadamente 5 quilômetros). A população da ilha, percebendo o entusiasmo e a disposição do Sr. Chibeto, começou a segui-lo até o monte para assistir a televisão. O sr. Chibeto conta que “os programas preferidos na época eram os filmes e os desafios internacionais de futebol”.

O grupo de pessoas que seguiam o Sr. Chibeto era cada vez maior, então ele resolveu procurar ajuda de técnicos para viabilizar um projeto de transmissão de sinais para cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente. “Encontrei um técnico francês que me ajudou no projeto”, disse sr. Chibeto.

Sem dinheiro para dar início à obra, ele colocou em circulação uma lista de colaboradores para angariar fundos e mandar importar um retransmissor. Ele conseguiu arrecadar 100 contos, o que hoje equivale a dois mil e duzentos reais. De imediato, ele encomendou um retransmissor, que custava 76 contos (R\$1700), que seria instalado no Monte Verde. Segundo o ex-gerente, na época poucas residências possuíam um aparelho. As pessoas que não podiam comprar um daqueles televisores foram obrigadas a fazer freqüentes “visitas” às casas de parentes e amigos para “matar as saudades”, “colocar a conversa em dia” e claro, assistir televisão.

Pouco tempo depois, na cidade de Praia, ilha de Santiago, a televisão veio mudar o dia a dia da população. Hilário Brito, diretor técnico da Cabo Verde Telecom, queria ampliar a comunicação no país. Sua primeira experiência foi instalar um retransmissor no Monte Tchota, uma localidade que fica perto da cidade de Praia. Nas primeiras tentativas, ele conseguiu capturar as imagens de uma emissora das Ilhas Canárias. Assim como em Monte Verde, as pessoas precisavam se deslocar até Monte Tchota para ver televisão.

Mais tarde, a população começou a adquirir aparelhos de televisão, e coube também a Hilário distribuir o sinal para as pessoas que moravam no percurso da cidade de Praia e o Monte Tchota. Ele transmitia jogos, teatros, filmes, mas eram as telenovelas o ponto forte dessas exibições (tudo por meio da televisão das Canárias). Os programas não tinham horários fixos, porque às vezes as imagens não chegavam em condições de serem transmitidas.

Pensando nisso, Hilário comprou a sua própria câmera e começou a gravar documentários. Seu tema preferido era a Educação, em que gravou em várias escolas do país, e também fez algumas filmagens documentais sobre a independência de Cabo Verde, em 1975.

Depois de alguns anos, o ex-Secretário de Estado e de Comunicação Social em Cabo Verde, Corsino Fortes, elaborou o projeto de criação da Televisão de Cabo Verde. Foi a partir dali que o governo começou a investir em equipamentos e na formação de profissionais. E surgiu a emissora do país, Televisão e Experimental de Cabo Verde (TEVEC), a TV se transformou em símbolo de status social. O sonho de todo cidadão era ter um aparelho de televisão (na época, quem tinha um aparelho desses era considerado rico). Ela ocupava lugar central na sala – em torno do aparelho eram colocados vasos de flores, fotos da família, bordados – sendo considerado o “espaço sagrado” do lar.

Até mesmo o projeto da arquitetura teve que se adaptar à chegada da televisão. A sala de visita precisava ser grande suficiente para instalar a mesa onde ia ficar o “maravilhoso aparelho” e banquinhos para receber os vizinhos que não possuíam uma televisão em casa. Assistir a TV também obedecia a uma hierarquia, cada um tinha o seu lugar específico: a frente da TV, o lugar mais privilegiado, era reservado para o pai e para a mãe. Em seguida vinham os vizinhos mais velhos, e as crianças, não menos atentas, sentavam-se num canto da casa no chão.

O desenvolvimento dos meios de comunicação em Cabo Verde foi muito lento na fase inicial. Só em 1877 é que o país conheceu o seu primeiro jornal, de nome Independente, que era impresso na Cidade da Praia. É importante notar que, em Cabo Verde, circunstâncias múltiplas dificultavam a produção de jornais, desde a posição isolada que o país ocupa no meio do Atlântico, o que impossibilitava o abastecimento por via terrestre, passando pelas condições climáticas adversas: o arquipélago tinha que importar todos os materiais necessários para a produção dos jornais, o que dificultava todo o processo.

No século XX, apareceu o rádio, para pôr fim ao monopólio dos jornais no processo de informação da população. Em 1945, surgiu a Rádio Clube de Cabo Verde, que mais tarde se tornaria a Rádio Sotavento.

Ainda hoje, Cabo Verde não conta com nenhum jornal diário e possui apenas três estações radiofônicas que apostam “na informação com seriedade”: a RCV – Rádio de Cabo Verde, a Rádio Nova – Emissora Cristã e a Rádio Comercial. A implantação da televisão de Cabo Verde passou por várias mudanças de nome e de estrutura. A TEVEC que já funcionava desde o início da década de 80, era feita em regime de ondas hertzianas, com pouca potência e de pequeno alcance. Com ajuda de donativos e oferta de países mais desenvolvidos, a TEVEC começou a funcionar com 31 funcionários, sendo alguns deles voluntários.

Em 23 de junho de 1990, a TEVEC passou a se chamar Televisão Nacional de Cabo Verde (TNCV), e em março de 1997, a TNCV foi substituída pela Rádio Televisão de Cabo Verde e Empresas Públicas (RTC-EP). Em 24 de abril, o boletim oficial divulgou a criação da RTC-S.A. Atualmente a televisão e a rádio possuem estruturas e programações diferentes, mas sob a mesma administração. Hoje a televisão ficou com o nome de “Televisão de Cabo Verde” (TCV).

A TCV também mudou de estrutura. No início, os funcionários não tinham uma formação adequada e os aparelhos também não eram sofisticados. A maioria dos programas era estrangeira, feitas pela Rádio Televisão Portuguesa (RTP), Canal França Internacional (CFI), e as telenovelas e seriados eram transmitidos pela brasileira TV Globo, via satélite.

Hoje a televisão de Cabo Verde encontra-se mais bem estruturada tanto em equipamentos e espaço, como em de pessoal qualificado. A TCV tem três delegações: uma em São Vicente, que faz a cobertura das Ilhas de São Antão e São Nicolau; outra delegação na

Ilha do Sal que assegura cobertura na ilha de Boa Vista; e a sede principal na cidade de Praia, Santiago, que faz coberturas das 3 ilhas restantes (Fogo, Brava e Maio).

Hoje, todas as ilhas do país têm acesso ao canal televisivo e a Televisão de Cabo Verde emite sinais durante seis horas por dia. Apesar de ter pouco tempo no ar, a televisão tem muitos programas nacionais como o Jornal Nacional, Teledesporto, programas culturais, educativos, entre outros. A TCV, mesmo sendo televisão pública, presta também serviços publicitários. Como não há emissoras privadas em Cabo Verde, as empresas recorrem a TCV a fim de fazer os seus produtos serem reconhecidos.

Apesar de toda a programação produzida no país pelos próprios caboverdianos, o que mais atrai o público e registra os maiores índices de audiência é a telenovela brasileira.

4- AS VÁRIAS FACES DO RECEPTOR

A comunicação evoluiu junto com a humanidade e serviu como meio fundamental para o acúmulo e transmissão da cultura e do conhecimento, impulsionando ainda mais a evolução da espécie.

As teorias da comunicação têm discutido muito sobre o lugar social ocupado pela televisão como espaço de produção e de divulgação cultural. Desde a posição funcionalista norte-americana em 1940, que encarava a televisão como instrumento de controle social, até os Estudos Culturais da década de 80, que propõem uma nova ótica de análise, com ênfase no estudo da sociologia do cotidiano e das diversas mediações como códigos de referências no processo de recepção televisiva, os receptores passaram por diferentes análises.

O paradigma funcionalista-pragmático traz como expoentes Harold D. Lasswell, Paul Lazarsfeld e Joseph T. Klapper. O texto do sociólogo norte-americano Harold Lasswell, publicado em 1948, sintetiza bem o pensamento da época, em que poderes ilimitados eram atribuídos à mídia, formulando um modelo para o processo de comunicação baseado em cinco questões – quem?, diz o quê? em que Canal?, para quem? e com que efeito?.

Assim, os funcionalistas se viram no ímpeto de avaliar o alcance psicossocial dos meios e buscavam prever a “influência” e os efeitos da mídia sobre o seu grande público, criando-se aí a expressão “Cultura de Massa”.

Vejam agora, a preocupação com a recepção da telenovela e quais as estratégias que esta utiliza para manipular a vida das pessoas. Como o receptor faz o uso da telenovela no

seu dia a dia? Para entender como se dá essa influência, temos que estudar o paradigma Midiológico, proposto por Jesús Martín-Barbero. Este paradigma busca entender as diversas formas de atuação da mídia. Barbero percebe que os meios de comunicação não fizeram do ser humano um “homem unidirecional”, um ser passivo e alheio à própria realidade. Neste sentido a telenovela como produção cultural passa a ser entendida como “um componente do quadro histórico das forças que se correlacionam no meio social – força econômica, cultural, política, e parceira de um jogo social mais amplo, agindo sob diversos aspectos” (MUNÓZ, 1992, p.235). Para Barbero, os meios e a indústria cultural propõem, mas é o público que se dispõe de seu consumo, pois as tecnologias de comunicação “fazem circular novos meios de propagação de fatos culturais, em harmonia com a sensibilidade coletiva do tempo e as formas de perceber, entender e se apoderar” (TRINTA, POLISTCHUK, 2003, p.148)

Barbero estuda a recepção, as estratégias do emissor, o que a mídia faz com as pessoas, o que as pessoas fazem com a mídia e o que elas fazem com elas mesmas, a partir dessa relação.

Dentro desse paradigma, encontramos o Modelo teórico-recepcional, que dá ênfase à interação do receptor com a obra. Teóricos da escola de Constança (Alemanha), Hans-Roberts Jauss e Wolfgang Iser, nos anos 60, desenvolveram seus estudos na estética da recepção. Deram destaque ao papel ativo desempenhado pelo leitor. É o receptor que “conta a história”, à sua maneira, indo da simples leitura a um entendimento crítico, através de um jogo de perguntas e resposta em que concretiza os sentidos e de certa maneira, reescreve a obra.

A recepção passa a ser vista como momento privilegiado da produção de sentido, refutando a concepção reprodutivista e firmando que mais do que de meios, a comunicação é hoje questão de mediações, isto é de cultura (Martín Barbero, 1989, p19). Como diz Barbero,

As mediações são esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver” (BARBERO, 1989,P.19)

Para estudar a recepção da telenovela, elegemos quatro tipos de mediações: o cotidiano familiar, a subjetividade, o gênero ficcional, a videotécnica , mostrando como essas mediações convergem no processo de recepção. Os atuais estudos de recepção atribuem à família um papel cada vez mais central para o entendimento do poder da televisão na “sociedade moderna”.

O Paradigma Conceitual ou Crítico-Radical traz os estudiosos Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jünger Habermas, que fundaram a escola alemã de Frankfurt. O objetivo desse instituto era proceder a um exame crítico da sociedade, em geral, e em seus aspectos econômicos, culturais e de produção de conhecimento, a partir de uma perspectiva marxista renovada, isto é, sem estar presa ao historicismo ou ao materialismo. Em 1930, Horkheimer reorienta seus estudos teóricos revendo o método marxista para uma filosofia da cultura, da ética, da psicossociologia e da psicanálise. O conceito de massa desenvolvido por Benjamin foi aplicado por Adorno e Horkheimer em sua crítica à situação paradoxal a qual o esclarecimento havia chegado.

O indivíduo, sobre o qual a sociedade se apoiava, trazia em si mesmo sua mácula; em sua aparente liberdade, ele era o produto de sua aparelhagem econômica e social. O poder recorria às relações de poder dominantes quando solicitava o juízo das pessoas a elas submetidas. Ao mesmo tempo, a sociedade burguesa também desenvolveu, em seu processo, o indivíduo. Contra a vontade de seus senhores, a técnica transformou os homens de crianças em pessoas. Mas cada um desses progressos da individuação se fez à custa da individualidade em cujo nome tinha lugar, e deles nada sobrou senão a decisão de perseguir apenas fins privados. O burguês cuja vida se divide entre o negócio e a vida privada (...), rompido consigo e com todos, já é virtualmente o nazista que ao mesmo tempo se deixa entusiasmar e se põe a praguejar, ou o habitante das grandes cidades de hoje, que só pode conceber a amizade como *social contact*, como contato social de pessoas que não se tocam intimamente. É só por isso que a indústria cultural pode maltratar com tanto sucesso a individualidade, porque nela sempre se reproduziu a fragilidade da sociedade. (HORKHEIMER, 1985, p.145-146).

A Telenovela possui uma matriz narrativa popular e ativadora de competência cultural e técnica. O paradigma Culturológico traz como expoentes estudiosos como Edgar Morin, Roland Barthes e Umberto Eco. A proposta da teoria Culturológica é olhar a cultura de massa não como um fenômeno isolado, mas sim, tentando abarcar todo o conjunto das relações sociais e humanas onde ela acontece. O sociólogo Stuart Hall analisa nos estudos da recepção o papel ideológico desempenhado pela mídia, buscando determinar como o público, distribuído por distintos contextos socioculturais, atribui sentido ao que vem da mídia, numa decodificação que poderia ser dominante, opositiva ou negociada.

A cultura de massa é uma moderna religião de salvação terrena que contém em si as potencialidades e os limites do seu próprio desenvolvimento: por um lado, aponta o caminho que, necessariamente, toda a sociedade de consumo seguirá mas, por outro lado, é vulnerável a todos os movimentos coletivos que são portadores de exigências metaindividuais e espirituais. (WOLF, 1997, p.93)

Das correntes teóricas fundadoras das Teorias da Comunicação, interessam-nos especialmente aquelas que se preocupam com o que acontece também fora do processo comunicacional, tomando-o enquanto fenômeno social, cultural e político. A partir do cruzamento das estratégias da mídia com os aspectos sociais apresentados pelo campo estudado, será possível constatar o nível de influência que a telenovela brasileira exerce sobre os caboverdianos, bem como as causas desse interesse pelo melodrama.

4.1 As telenovelas da Rede Globo: Produtos Exportados

A primeira telenovela brasileira, "Sua Vida me Pertence", foi exibida pela TV Tupi na década de 50. Como ainda não existia o videoteipe, tudo era feito ao vivo. Os 15

capítulos da trama só foram exibidos às terças e quintas, pois o que se produzia na época eram histórias parceladas em duas ou três apresentações por semana. Descobriu-se então que, para prender a atenção do público, era necessário criar o hábito de mantê-lo diante do aparelho de TV todas as noites, no mesmo horário.

Na década de 60 surgiram outras emissoras como a TV Record e a TV Excelsior, que produziu a primeira novela diária, “2-5499 Ocupado” e foi ao ar em julho de 1963. Mas a emissora que contribuiu decisivamente para consolidação da telenovela no Brasil e também como produto de exportação foi a TV Globo.

A inserção da telenovela no mercado de televisão nacional, que foi estabelecida pela Rede Globo, misturou elementos das radionovelas e das telenovelas argentinas para criar um formato próprio. A partir de alguns aspectos vivenciados nos anos 70 - a transmissão em cores e em rede nacional, a difusão do videoteipe e a introdução de câmeras portáteis, as novelas da Globo tornaram-se o principal produto da emissora em termos de audiência e faturamento no mercado interno e externo. Atualmente, as telenovelas produzidas pela Rede Globo são exportadas para mais de 120 países e estão presentes em todos os continentes, principalmente na África.

A telenovela é um meio que tem como função criar uma socialização, compartilhada por um grande número de pessoas, recriando, dessa forma, uma memória coletiva. É um fenômeno de memorização de fatos, idéias, situações e personagens. A sua fonte de inspiração é uma perspectiva de olhar para o mundo, articulando dessa forma a interseção entre o real e a ficção.

A interação que a telenovela estabelece entre os cotidianos da ficção e da realidade constitui uma das peculiaridades da telenovela brasileira, que, ao desenvolver um cotidiano em paralelo, dialoga com o real, numa dinâmica em que o autor colhe, a partir de suas inquietações, aspectos da realidade a serem tematizados ou tratados

como questões de importância em sua ficção. (...) A simples familiaridade do telespectador com discussões bem orientadas sobre preconceitos, drogas, alcoolismo, violência, hábitos de higiene e saúde sinaliza um avanço da telenovela e da sociedade que incorpora novos dados/informações/conhecimentos e/ou comportamentos. (MOTTER, Maria. 2000, P43)

A novela “Gabriela” foi a primeira exportação da TV Globo, exibida em Portugal em 1975. A aceitação foi tão grande que estimulou a emissora a trabalhar seriamente no mercado mundial. Depois de Portugal, as exportações seguiram para os países da língua espanhola da América Latina. O “Bem Amado” foi a primeira telenovela dublada para o espanhol.

A telenovela “A Escrava Isaura”, adaptação de Gilberto Braga para romance de Bernardo Guimarães, foi o ápice da exportação de novelas na época. Lucélia Santos, em papel de estréia, como a escrava branca do título, contribuiu com sua boa atuação para que a produção fosse vendida para mais de 100 países. Até pouco tempo, ela foi a novela mais exportada, superada apenas por “Terra Nostra”

No final de 1985, a novela havia sido vendida a 27 países. A atriz Lucélia Santos visitou todos eles e recebeu vários prêmios, como o Latino de Ouro, concedido pela Emissora Caracas de Rádio e Televisão, na Venezuela. Em 1989, “Escrava Isaura” foi exibida em 15 capítulos na União Soviética, onde obteve alto índice de audiência. A novela tornou-se uma verdadeira febre na televisão chinesa. Em 2002, já fora vendida para cerca de 80 países. No rastro do sucesso, foram vendidos 500 mil exemplares da tradução do livro de Bernardo Guimarães para o chinês. (DICIONÁRIO da TV Globo, 2003: p.72)

A TV Globo é líder do mercado, faturando cerca de 40 milhões de dólares anualmente com a venda de telenovelas para o exterior. “É atualmente o seu público estimado é de 2 bilhões de telespectadores em todo mundo”. (VEJA R.2006:P139). A partir dos anos 90, surgiram as co-produções entre emissoras brasileiras e estrangeiras, para facilitar a comercialização. A primeira foi “Lua Cheia de Amor (1991), da TV Globo, em parceria com a RTVE da Espanha. Seguiu-se “Pedra sobre Pedra” de Aguinaldo Silva e “Mulheres de Areia”,

de Ivani Ribeiro, ambas co-produções com a TV portuguesa, Rádio Televisão de Portugal (RTP1).

Para efeito de análise da exportação das telenovelas de acordo com os subgêneros, estes foram definidos como Realista, Realismo Fantástico, Época Adaptada, Comédia e Folhetim Modernizado. Como telenovelas realistas foram consideradas as produções que apresentam uma preocupação em ser fiel à realidade, quase sempre acontecendo em ambientações regionais, como “Irmãos Coragem” (1970-71), “Roque Santeiro” (1985/86), “Vale Tudo” (1989) e “Pedra sobre Pedra” (1991).

O realismo-fantástico seria uma variação que apresenta contradições na metrópole, conflitos políticos e cultura popular num clima fantástico, onde atores e atrizes são enfocados ‘simplesmente’ como seres humanos, e onde não raro, valores sociais e valores morais estão em choque, como “Saramandaia” (1976). As telenovelas ‘de época’, que mantêm certa proximidade com o realismo-fantástico trazem embutida a idéia de uma recuperação do passado, das raízes e tradição. A telenovela comédia, iniciada nos finais dos anos 70 com “Feijão Maravilha”, “O Bofe” (1972) e atualmente “Pé na Jaca” (2006), trabalha com tradições semelhantes à comicidade. Folhetins modernizados combinam elementos mais visíveis do cotidiano de uma sociedade em processo de modernização. Comparada com a realista, a narrativa do folhetim é mais lenta. Exemplos seriam “Dancin’ Days” (1978-1979), “Selva de Pedra” (1986), “Plumas e Paetês” (1980), “Baila Comigo” (1980) e “Páginas da Vida” (2006).

O folhetim modernizado representa 32% das exportações, sendo todas elas produzidas pela Rede Globo. Depois vem a telenovela de Época Adaptada, com 16%, cabendo

à Rede Globo 80% deste total, seguida da telenovela Realista, responsável por 11%, e por último, o sub-gênero Comédia, com 10%. Com exceção da Oceania, que mostra preferência pelo sub-gênero Época Adaptada, nos outros continentes predomina o Folhetim Modernizado, sendo que na América Latina e América do Norte acontece ainda uma distribuição pelos sub-gêneros Realista, Comédia e Realista-modernizado.

A distribuição das comercializações pelos países tem como destaque:

- América Latina: Bolívia, Chile, Equador, Nicarágua, Paraguai, Peru, República Dominicana e Venezuela são os principais importadores, com preferência pelo Folhetim Modernizado e distribuição igualitária dos outros sub-gêneros;
- na Europa Ocidental, Portugal, Espanha e Itália, maiores importadores, também preferem o Folhetim Modernizado;
- para o Leste Europeu, o predomínio é do Folhetim Modernizado e da telenovela de Época Adaptada, cada um representado por 37% da importação, sendo os principais compradores a Rússia e a Grécia;
- na Ásia, Macau é o principal importador, e o predomínio também é do Folhetim Modernizado e da telenovela de Época Adaptada;
- a África responde por 25% das importações e
- na Oceania e no Oriente Médio, a Austrália e a Turquia respectivamente, são os maiores compradores da telenovela brasileira.

4.2. Recepção da primeira telenovela exibida em Cabo Verde

Em 1990, foi instalada a primeira e única emissora de televisão de Cabo Verde. Alguns anos depois, a novela “O Bem Amado” dá início ao consumo de produtos culturais da indústria brasileira por parte dos caboverdianos que prevalece até os dias atuais. A telenovela, enquanto produto da indústria cultural, também pode difundir através de sua mensagem, via autor ou por determinação da ideologia da emissora, idéias, valores que também têm algum efeito sobre o seu público.

A popularidade da ficção de televisual no Brasil começou quando as novelas descobriram a realidade brasileira e a desvendaram em capítulos diários oferecidos para o deleite e distração do público telespectador.(MELO, JOSÉ.1988, P49)

Theodor Adorno diz que a indústria cultural tem uma necessidade voraz da novidade para poder recriar continuamente a mesma coisa. (CAMPEDELLI. S.1987: p37)

A telenovela “ O Bem Amado” contava a história de Odorico Paraguaçu, político da fictícia cidade litorânea de Sucupira, na Bahia, que tinha como principal objetivo político em sua gestão como prefeito da cidade a inauguração do cemitério municipal. Tem o apoio incondicional das irmãs Cajazeiras - Dorotéia, Dulcinéia e Judicéa - e do afilhado e secretário Dirceu Borboleta, que o idolatra. Mas há a oposição ao prefeito, liderada pela delegada Donana Medrado, que conta com o jornalista Neco Pedreira, dono do jornal local, de nome "A Trombeta".

O grande problema é que em Sucupira ninguém morre. Assim sendo, Odorico passa a engendrar mil planos para ver seu sonho realizado. Só que nem um tiroteio na praça principal, nem as tentativas de suicídio de Libório, o farmacêutico, "dão certo". Além disso, o bom trabalho do médico Juarez Leão na cidade faz com que de fato, pelo menos de doença, ninguém morra na cidade.

Odorico então tem a idéia de trazer de volta um filho da terra que de lá saiu há muitos anos e que era temido por sua fama de matador, Zeca Diabo, para que mate alguém e proporcione a municipalidade o que o prefeito tanto deseja. Ocorre que Zeca Diabo, em promessa ao Padre Cícero, seu protetor, havia deixado de lado a vida de pistoleiro.

Mas ao final da história, é o próprio Odorico Paraguaçu, assassinado por Zeca Diabo revoltado e cheio de ódio, quem inaugura o cemitério de Sucupira. A novela teve uma influência tão grande no país que um dos maiores centros de negócios de Cabo Verde chama-se Sucupira. A comerciante Idalina Fernandes conta que o nome surgiu porque na época, muitos vendedores superlotavam o mercado de Praia, capital de Cabo Verde. O governo resolveu construir então um centro só para esses comerciantes, que protestaram contra a mudança. Em meio a essa confusão, o Centro Comercial foi apelidado de Sucupira, como ainda é chamado.

Com a chegada da telenovela, a população foi mudando de rotina para poder assistir à novela. Exibida às nove horas de segunda a sábado, com repetição de todos os capítulos da semana aos domingos, a novela foi (e ainda é) o maior atrativo dos telespectadores. Velhos, crianças, adultos - todos assistem juntos à novela. No início, a população acreditava que a novela retratasse exatamente a realidade brasileira. Tudo que se passava na novela era tomado como verdade absoluta, a ponto de os espectadores xingarem os

personagens, criarem uma relação sentimental com eles e discutirem umas com as outras em defesa de seus personagens preferidos.

A novela se incorporou ao gosto do público caboverdiano como um tipo de divertimento. Os beijos e as cenas de sexo eram reprovados pelos mais velhos, que se levantavam da sala ou mandavam os mais novos fecharem os olhos. As religiões na época protestaram contra a exibição da telenovela criticando o fato de se permitir a apresentação desse tipo de programa, considerado ofensivo e responsável pelo desvio da conduta dos jovens.

A sociedade é conservadora e ainda segue padrões e normas orientados por núcleos familiares. Para Muniz Sodré, o segredo da telenovela brasileira está na combinação da ‘‘ficção sem fantasia’’ e da ‘‘moral doméstico’’ juntando o real e o imaginário, a telenovela faz ficção do real incorporando fatos e situações contemporâneas. ‘‘A realidade que a telenovela resistiu ao seu público é a realidade (sonhada) da moral caseira, convenientemente administrada pelo médium’’ (MELO. 1943: p.53).

Quando terminava um capítulo da novela, as pessoas já começavam a ficar ansiosas para assistir ao próximo. Na escola, no trabalho, em casa, o assunto era sempre a novela. Na época, as crianças foram proibidas de chamar o personagem Zeca Diabo. E deram o nome de ‘‘Zéca cadiado’’.

A imagem e as belas paisagens do Brasil sempre fascinaram os caboverdianos, principalmente por causa da telenovela, que difundia a imagem de um país rico, moderno. Os caboverdianos já não podiam viver sem o sonho de conhecer esse país. Para o autor Dias Gomes:

No Brasil a novela evoluiu para um produto mais sofisticado, culturalmente mais pretensioso, embora ainda se possa acusá-lo de superficialidade e outras coisas, mas de qualquer maneira é um produto inteiramente novo, pois em outros países ela conservou sua forma original folhetinesca e melodramática. (IBIDEM, 1943, p. 51)

As telenovelas brasileiras, historicamente, apresentaram temáticas modernas, atualizadas e até com certa utilidade social. Homossexualidade, clonagem, drogas e prostituição, entre outros, fazem parte do extenso rol de temas abordados nas mesmas, assim, a telenovela entrou em Cabo Verde para revolucionar, mudando hábitos e costumes da população.

4.3. A hora da novela, uma tradição.

No final do dia, crianças sentadas na porta da casa, seguem a narração de um conto, sempre contada por mais velhos, considerados os mais sábios. As histórias são inventadas e relatam histórias de lutas e conquistas do país. As informações acumuladas ao longo dos anos são transmitidas através de contos, lendas, mitos e adivinhas. As mulheres se juntam à volta da fogueira, umas cantam e dançam “Batuko”⁴ e outras aplaudem as performances da dança. Assim termina mais um dia de rotina dos caboverdianos.

Mas depois do “O Bem Amado”, “Roque Santeiro”, “Rainha da Sucata”, “Cambalacho”, “O Clone”, “Mulheres Apaixonadas”, mudaram-se os hábitos e costumes da população.

“Daqui a pouco mais um capítulo da novela América”. Avisa a TCV (Televisão de Cabo Verde). A telenovela brasileira, o programa de maior audiência do país, vai começar.

⁴ Musica e dança tradicional de Cabo Verde

Todo mundo corre para casa, gritando: “Gentis novela djá começa”⁵, avisando aos outros que ainda não haviam escutado o chamado. Quem não possui uma televisão em casa, vai para a casa do vizinho.

Nove horas. Essa é a hora mais esperada do dia, quando crianças, adultos, velhos, todos aguardam com muita ansiedade. O silêncio toma conta das dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde e as famílias se juntam em frente à telinha. Durante os intervalos, começam as discussões sobre cada assunto que passou na trama. Os telespectadores, cansados pela rotina do seu dia a dia, encontram nesse produto cultural o momento de descanso, lazer e descontração.

Nossas vidas quotidianas estão submetidas à lei. Nossos instintos reprimidos. Nossos desejos são censurados. Nossos medos camuflados, adormecidos. Mas a vida dos filmes, dos romances, dos fatos variados, é aquela em que a lei é enfrentada, dominada ou ignorada, em que o desejo logo se torna amor vitorioso, em que os instintos se tornam violência, golpes, homicídios, em que os medos se tornam suspense, angústia. (MORIN. 1975: p. 126)

A telenovela pertence a um universo de significação, intervenção, discussão e introdução de hábitos e valores, que influencia e é influenciada pelos receptores, os quais participam ativamente no processo de recepção, questionando e discutindo os assuntos apresentados ao longo da exibição de seus capítulos e, muitas vezes, interferindo na trama e no percurso de determinadas personagens presentes na telenovela e, nesse sentido, deve ser vista como parte da experiência cultural das pessoas.

A telenovela consegue sensibilizar o público explorando temas universais como amor, ódio, segredos, mistérios, honestidade, deveres, valendo-se também de um jogo de dicotomias como o bem e o mal, pobres e ricos, justiça e injustiça, para chegar ao tradicional “*happy end*”.

⁵ “Pessoal, vai começar a novela”

4.4. Telenovela “América”

A história se passa em torno da personagem Sol, que vive em uma favela do Rio de Janeiro, interpretada pela atriz Débora Secco. Quando criança, viu sua casa ser demolida por ordem da Justiça, o que a traumatizou para o resto da vida. A experiência a fez acreditar que, no Brasil, pobre não tem vez. E é por isso que ela sonha se mudar para os EUA, onde ela acredita que as oportunidades são iguais para todos, ricos ou pobres. No entanto, o país que ela escolheu para morar lhe nega o visto de entrada, atrapalhando os planos de toda uma vida dedicada a juntar dinheiro para a passagem.

Mas Sol não desiste de seu sonho, que é o mesmo de milhares de outros latino-americanos. Já que não dá pra entrar nos EUA pela porta da frente, ela decide entrar de forma ilegal. Há muitas maneiras de fazer isso, todas elas muito perigosas. Mesmo assim, ela investe nessa estratégia fora-da-lei todo o dinheiro que consegue reunir. Sol não sonha com jóias, riqueza, vida fácil nem glamour. Ela só quer trabalhar honestamente e receber um pagamento justo por isso, de modo que possa viver com dignidade e a certeza de que não perderá tudo no dia seguinte.

No meio desse percurso tortuoso, Sol conhece Tião, personagem de Murilo Benício. É amor à primeira vista. De repente, ela se vê fazendo promessas de casamento, embora até então acreditasse que o amor só servia para atrasar a vida das pessoas. Os dois têm muita coisa em comum, exceto os sonhos. Tião também quer progredir só que no Brasil. É essa incompatibilidade de sonhos que atrapalha o romance do casal.



Os personagens, Sol (Débora Secco) e Eddy (Caco Ciocler)



Carrerinha (Matheus Nachtergaele) e o protagonista, Tião (Murílio Benício) paixão da vida da Sol.



Lurdinha (Cléo Pires) seduzindo o pai da sua melhor amiga, Glauco (Edson Celulari)

4.5. Elaboração dos questionários

Para confirmar as hipóteses levantadas, fizemos uma pesquisa de campo, buscando uma análise qualitativa dos depoimentos e dados empíricos obtidos. As questões a serem abordadas nesse método serão baseadas em informações prévias sobre o campo, seus costumes e particularidades e buscando ainda determinar um período da novela para estudar (telenovela América). Elaboramos um questionário com 16 perguntas abertas e fechadas. Escolhemos três famílias de condições econômicas diferentes e fizemos a pesquisa com seus membros sobre telenovela e a influência da telenovela “América”.

A entrevista teve como roteiro um questionário elaborado em três etapas, como segue: sobre a chegada da televisão, que foi aplicada somente entre os mais velhos; influência da telenovela, objetivando buscar informações que demonstrassem o grau de recepção de conteúdos cooperativistas transmitidos pela novela; e a recepção, o entendimento e a leitura em relação à influência da telenovela “América”

O primeiro grupo a ser entrevistado foi a família da Dona Tomásia, que mora no Bairro de Vila Nova, na ilha de Santiago. Dona Tomásia é uma mulher de 80 anos, aposentada, e mora com duas filhas solteiras, sete netos e uma sobrinha que tem três filhos. Dona Tomásia é a chefe da família. Passamos uma semana assistindo todos os dias à telenovela “América” na residência dessa família, prestamos atenção em cada gesto, cada decepção, enfim, todas as manifestações que a telenovela impõe no receptor.

Numa sala com seis cadeiras, existem uma mesa com fotos do marido da Dona Tomásia (que faleceu há mais de 20 anos) e uma estante de televisão. Assistiam à televisão as filhas, os netos, a sobrinha e os seus três filhos e uma família com cerca de quatro pessoas que

são vizinhos da dona Tomásia, que não possuem uma televisão em casa. Como se fazia no Brasil na década de 50. “Introduzida nos lares, a televisão concedia prestígio social à família. Mais que isso: a casa se tornava um centro de atração e convivência para a vizinhança. Por isso, o público-alvo incluía os televisinhos”. (MARIA.M 1995 p.95)

No mesmo bairro aplicamos a nossa pesquisa na casa de Odeti Carvalho, solteira de 31 anos. Ela mora numa casa de um cômodo, que em Cabo Verde é chamada de “Kobiko”, com os seus dois filhos (Janice de 14 anos e Gerson de 7).

A última família entrevistada foi a do Senhor Pedro Moreira, que fica em Palmarejo, um bairro nobre da ilha de Santiago. Ele é funcionário de um banco em Cabo Verde e mora com a esposa e os três filhos. Na sala de TV fica o sofá e a mesa de televisão. Essa família nunca recebeu visitas de vizinhos para assistir à telenovela.

Na primeira etapa das questões, 100% dos entrevistados falaram que o programa com mais audiência do país são as telenovelas brasileiras. Na pergunta número nove, escolher três novelas que lhes marcaram, 100% dos entrevistados escolheram a novela “O Clone”. A maioria justifica que a novela teve influência positiva na sociedade alertando aos jovens sobre drogas e AIDS e na abordagem desses temas em casa.

No item influência da telenovela “América” 80% concordaram que a novela influencia na música e na moda.

5- MUDANÇAS E INFLUÊNCIAS

A grande questão que este trabalho busca entender é: o que leva os caboverdianos a passar horas sentadas na frente da televisão, vivenciando histórias fictícias e deixando que isso influencie no seu dia a dia, uma vez que a telenovela retrata o estilo de vida do brasileiro, enfraquecendo a possibilidade de identificação?

Um produto cultural que é a telenovela, produzida em uma outra dimensão cultural-na urbana e desenvolvida na cidade do rio de janeiro- vai passar por um filtro social da zona urbano-rural para adquirir um significado para os telespectadores. (BELTRAO, M.1993: p.72)

Constatou-se comportamentos inusitados por parte das famílias caboverdianas estudadas. Elas buscam qualquer ponto de referência com o qual possam se identificar.

As danças, as canções, os contos e toda a tradição foram ficando esquecidos na memória do tempo, e isso foi acabando com todos os valores tradicionais preservados de geração em geração. Predomina agora a indústria cultural, onde o indivíduo é transformado em consumidor, principalmente de alimentos para a alma. Segundo Theodor Adorno, “A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido”.

Sem audiência, os velhos sábios retiram-se da cena pública, dando lugar às telenovelas. Os seus cabelos brancos que eram motivos de respeito e sabedoria viraram pretextos de pena e perseguição. De acordo com Morin, “o velho sábio virou o velhinho aposentado”. O homem moderno virou o coroa”. (MORIN, 1975: p.96) Com o enfraquecimento dos tabus, os pais tradicionais perderam sua autoridade, já não representam

mais aquela imagem de identificação e projeção. As mulheres ganharam mais liberdade e mais autoridade perante os filhos.

A televisão e as telenovelas, fundamentos de uma nova ordem, aparecem como elementos capazes de ocasionar desordens até então inconcebíveis: invadem lares, alteram cotidianos, desenham novas imagens, propõem comportamentos e consolidam um padrão de narrativa considerado dissonante, tanto para os modelos clássicos e cultos quanto para as tradições populares.

Canclini defende, nesse sentido, que a cultura deve ser concebida dentro de contextos históricos "híbridos". Martín Barbero caminha em direção semelhante, propondo que, por meio do conceito de "cultura popular de massa", se possa construir uma totalidade cultural conflitiva e complexa, a partir da qual popular e massivo se entrelaçam, configurando novas formas resultantes da tessitura de diferentes matrizes culturais: não apenas massivo, nem só popular, mas espaços de entrecruzamento, mestiçagem, embate entre elementos da tradição, com outros, que resultam de invenções, variações e rupturas engendradas pelo próprio processo de modernização.

A cultura de massa dita as normas e regras a serem seguidas por toda sociedade. Os indivíduos começam a se sentir confrontados com os desafios do seu dia a dia e buscam refúgio, dando asas ao imaginário. E passam a desejar a vida dos olímpicos, dos ídolos e dos galãs.

Adorno diz que "quanto mais opaca e complicada se torna a vida moderna, tanto maior o número de pessoas tentadas a agarrar-se desesperadamente a clichês que parecem impor alguma ordem ao que, de outro modo, é incompreensível" (ADORNO, in: ROSENBERG e WHITE, s.d., p.557).

Dessa forma, torna-se difícil isolar os efeitos de um veículo ou gênero em particular. Apesar disso, podemos perceber vários indícios da influência exercida pela telenovela no país. Expressões, gestos, roupas, bijuterias, objetos de decoração e nomes próprios são imitados por pessoas de diferentes segmentos sociais. Em Cabo Verde, por exemplo, o maior centro comercial do país, passou a chamar-se “Sucupira”, depois da exibição de " O Bem Amado".

O horário da apresentação da telenovela, nove horas, alterou o lazer da população. Na casa da Dona Tomásia, no horário da novela ninguém pode sair, porque segundo ela esta é a hora de reunir toda a família. Todos os entrevistados confirmaram que em função da telenovela, muita coisa mudou. Por exemplo, o relacionamento entre mãe e filha hoje é mais aberto. As festas são marcadas sempre depois da telenovela. As crianças trocaram as brincadeiras e os contos pelos episódios das histórias fictícias, que para elas relatavam a realidade brasileira. As brincadeiras de rua deram lugar às peças de teatro, imitando os personagens da telenovela, apesar da língua ser diferente. As duas crianças entrevistadas, Cíntia e Nuria, 10 anos, netas da Dona Tomásia, contam que no intervalo das aulas elas fazem encenação da telenovela do dia anterior, “na minha sala eu sou a Sol⁶, mas eu não quero ir pra América e sim para o Brasil”. Disse Cíntia, uma das netas da Dona Tomásia.

Os telespectadores percebem os conteúdos das novelas como modelos de comportamentos, estilos de vida e valores inerentes à modernização, em especial os comportamentos da vida privada e a reivindicação de liberdades antigas.

Os adolescentes são a maioria dos telespectadores. Eles não perdem nenhum capítulo e quando os mais velhos não podem assistir à novela, deixam avisado para verem com atenção e relatarem depois.

⁶ Sol, personagem da Débora Secco na Telenovela “América”

Num olhar atento a cada capítulo, o silêncio rondava a casa da dona Tomásia. Em cena estava a personagem Lurdinha, vivida pela atriz Cleo Pires, que é apaixonada pelo pai da melhor amiga, Glauco, papel feito pelo ator Edson Celulari, um empresário charmoso que é casado. O personagem se sentia perturbado com a presença da jovem que o seduzia chamando-o de “Tio”. Os jovens ficam atentos à cena enquanto os mais velhos reclamam e comparam o personagem com “fulano” e avisam aos mais novos sobre a atitude errada do personagem.

Na pesquisa que nós realizamos, 75% afirmaram que conhecem ou que viveram uma história igual à da personagem Lurdinha. Portanto, a telenovela proporciona ao receptor uma simulação do real, que acaba por ser confundido.

Nas escolas, nas feiras, no ônibus etc, a telenovela era o assunto que dominava a população. Os telespectadores eram comparados com os personagens.

Na casa do senhor Pedro também não se perde nenhum capítulo; até a filha de cinco anos assiste à novela. Lá, na sua casa todo mundo é comparado com um personagem, diz sr. Pedro.

O triângulo amoroso entre os personagens, Sol, Tião, e o americano Eddy, é o motivo de discórdia para a família: alguns torcem para Sol ficar com Tião no final e outros para o tão inesperado “happy end” de Sol e Eddy. O receptor se desliga de sua realidade e toma parte da história como se fosse sua, e nesta, os problemas do par romântico são maiores que os seus próprios. Artur da Távola chama isso de supressão da angústia. Não a angústia existencial ou patológica, mas, “A angústia própria ao ato de viver, sensação indefinível de mal estar ou, pelo menos, de não bem estar, mora com o ser humano ainda quando este possua consciência da angústia”. (TÁVOLA, A. 1996: p 47).

Apesar de serem histórias de um outro povo, de outra cultura, os telespectadores viram na telenovela um grande espelho onde enxergam nos rostos dos personagens suas dificuldades, as alegrias, os sonhos e as frustrações. Por isso, o receptor faz dessas histórias parte do seu cotidiano.

Morin assegura que a “cultura de massa continua (a reproduzir) a grande tradição imaginária de todas as culturas”, apontando para a existência de só um imaginário comum capaz de catalisar e unificar sonhos, desejos e fantasias.

5.1 No comportamento

A cultura é a totalidade de comportamentos e costumes adquiridos e traduzidos de geração em geração. A cultura exerce papel primordial para delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano.

Verificamos comportamentos espontâneos por parte dos entrevistados, que buscam na novela qualquer ponto de referência que os lembrem alguém com qual possam se identificar. Dona Odeth, por exemplo, demonstrou muita felicidade por ver a personagem Sol com um vestido idêntico ao dela. A filha Janice, de 14 anos, toda vez que aparece a personagem Raíssa, interpretada pela atriz Mariana Ximenes, dançando funk, se levanta e embala no ritmo do funk. Na verdade, o que acontece é a busca de uma referência da telenovela para o seu mundo.

Os caboverdianos têm pouco contato com os problemas de violência que são retratados na trama. Em relação ao seqüestro da personagem Raíssa, poucos sabem como funciona um seqüestro, vivenciam isso através da novela. Mas permanece no seu pensamento que aquela “realidade da trama” é difícil de acontecer no seu país.

Antes não era comum ver os casais se beijando na rua ou andar de mãos dadas. O ato era considerado ofensa à população. Mesmo dentro de casa era difícil ver os pais se beijarem ou fazer algum gesto de carinho.

A relação entre pais e filhos era bastante limitada, pois não havia diálogo. Mas a maioria dos entrevistados disse que hoje há mais liberdade para falar com os pais e discutir vários temas retratados da novela como, por exemplo, droga, sexo e doenças sexualmente transmissíveis.

O senhor Pedro afirma que hoje não tem muito respeito por parte dos filhos, porque às vezes, tentam imitar determinados personagens que exercem “má influência”.

Outro exemplo é que antigamente o casamento era forçado. Toda mulher tinha que casar com o noivo escolhido pelos pais. Para os que começavam a namorar mais cedo, a solução era fugir juntos para só depois voltar e se casar. Atualmente os jovens começam a namorar mais cedo e de forma mais aberta. E a maior preocupação dos pais entrevistados é sobre a onda de “ficar”. “Esta nova mania de sair hoje ‘ficar’ com fulano e amanhã com sicrano, os meninos copiaram da novela”. “E isso nos deixa muito preocupados”, diz Luísa, 33 anos, esposa do senhor Pedro.

Para a dona Odeti, a novela ensina muita coisa, principalmente a se relacionar com a filha adolescente. Ela se espelha na vida de cada personagem. Os conceitos morais e sociais transmitidos na telenovela passam a ser verossímeis e são aplicados na vida real.

As mulheres ganharam mais liberdade e autonomia.

Os entrevistados confirmaram que:

- 1)As pessoas chegam em casa mais cedo para assistir a novela.
- 2)O bairro fica em silêncio.
- 3)Por causa da telenovela os namorados marcavam o encontro para antes da exibição do folhetim.
- 4)Durante o dia, o tema da novela era o assunto principal das conversas.
- 5)As músicas da novela eram tocadas em todas as rádios e era logo aprendida pelo telespectador.
- 6)O jantar é feito e servido mais cedo para se assistir a novela

5.2 Na moda e na música

O ambiente ficcional da novela permite criar um mundo que corresponda aos sonhos e às expectativas do público, e assim desperte o desejo, a cobiça por um produto. Aproveitando a popularidade e a grande audiência das novelas, a indústria da moda percebeu neste formato de programa um excelente meio de divulgação de produtos e garantia de retorno financeiro.

Mulheres de saia preta, blusa branca, lenço amarrado na cabeça e pés descalços. Essa é a imagem antiga que se tem da mulher caboverdiana. Hoje as mulheres são mais modernas e seguem a moda ditada pelas novelas.

Dos entrevistados, 95% dizem que a novela influencia na maneira de vestir. Hoje em Cabo Verde o estilo *country*, as roupas de funk e os vestidos longos, batizados de “Vestido da Sol”, são sonhos de consumo da população. Os comerciantes de Cabo Verde, chamados de

“rabidantes”, trocaram a Europa e os Estados Unidos pelo Brasil. São injetados cerca US\$ 20 milhões na economia brasileira só com exportações.

O motivo que as levam a cruzar o oceano Atlântico está na tela da televisão: as roupas usadas pelas atrizes das novelas brasileiras veiculadas por lá fazem moda.

Num fenômeno iniciado nos últimos cinco anos, Fortaleza se transformou numa espécie de shopping center além-mar de Cabo Verde, arquipélago africano que fica a três horas e meia de vôo da capital cearense. A variedade e originalidade de confecções e produtos artesanais, aliada à conveniência de dois vôos semanais, fizeram da cidade um dos territórios de compras preferidos das sacoleiras, mulheres que procuram novidades a preço atraente para revender. A maratona das sacoleiras, também chamadas de rabidantes. Os produtos procurados são as que fazem sucesso na novela, veiculadas no país. (JORNAL O GLOBO : 22/01/2006)

Estes produtos são vendidos com preços em média quatro vezes superiores ao do mercado brasileiro. Enquanto os brasileiros dão mais importância aos produtos americanos, os caboverdianos preferem e sonham com o *glamour* dos trajes do Brasil.

A indústria cultural produz e através do consumidor sabe se seu produto foi aceito ou não (se há audiência ou não). O consumidor não fala, ele vê ou recusa a ouvir e a ver. A cultura de massa é imposta do exterior ao público (e lhe fabrica pseudonecessidades, pseudo-interesses). Ou reflete as necessidades do público? É evidente que o verdadeiro problema é o da dialética entre o sistema de produção cultural e as necessidades culturais dos consumidores. A cultura de massa é o produto de uma dialética produção-consumo, no centro de uma dialética global que é a da sociedade em sua totalidade. (MORIN, 1975, p.35).

As mulheres caboverdianas são muito vaidosas. Mesmo para quem tem um poder de compra mais baixo, a preocupação com a aparência é grande e é necessário estar sempre na moda. Moda divulgada pelas telenovelas.

As trilhas sonoras das telenovelas são as que fazem mais sucesso em Cabo Verde. No topo das paradas de todas as emissoras de rádio do país, está a música sertaneja “Na sola da bota”, cantada Pela dupla Rionegro & Salimões. Todo mundo já sabe a letra. Logo que começa a novela, os telespectadores tratavam de aprender a letra. E encomendar CDs com os “rabidantes”.

Quando começa a novela América, todos na família da dona Tomásia cantam a música de abertura, “*Soy Loco Por Ti América*” que é interpretada pela cantora baiana Ivete Sangalo. Até mesmo nas discotecas, a música sertaneja é tocada e todo mundo canta, dança, vai ao delírio ao som da dupla sertanejo Rionegro & Salimões . Todos imitam os passos dos peões (pulando e jogando as pernas por um lado e por outro).

Mas o estilo musical de maior sucesso no país é o funk. Já tem até grupos de funkeiros em Cabo Verde, que adotaram a mesma batida da música brasileira, só que cantadas no dialeto “crioulo”. Os jovens adeptos do estilo são divididos em grupos: tem a “tchutchuquinha” que dança o funk e a “maria breteira” que tomou um significado diferente da novela. Na novela, “maria breteira” é a mulher que só namora peão. Em Cabo Verde este nome é dado às mulheres que ficam com os homens por dinheiro.

Foi através da novela que os caboverdianos conheceram as danças brasileiras como o forró, o samba, a lambada e o pagode que até hoje fazem maior sucesso no país, muito tocados e dançados nas noitadas.

Vários grupos brasileiros já se apresentaram em Cabo Verde, como por exemplo, Terra Samba, Banda Calipso, Cidade Negra, Netinho de Paula, Daniela Mercury, Alcione e a dupla sertaneja Lucas & Mateus.

Os produtos brasileiros principalmente da moda e música invadiram o país através das telenovelas e são bem aceitos pelos telespectadores.



‘Maria Bretera’. Bebela (Christiana Kalache), Detinha (Sâmara filippo) e Penha (Carolina Macieira)



Desfile da Botique Gigi. Moda inspirada nas personagens ‘Maria Bretera’ da novela América. (Cabo Verde)



Decotes e as Botas, a moda extraído da Novela América.(Cabo verde)



Fonte Globo
Dona Neuta (Eliane Gardini) e seu filho Junior (Bruno Gagliasso). A personagem inspirou jovem e adultos, com o seu estilo "Country"

5.3 No dia a dia

Depois de mais um dia de trabalho e estudo, a população começa a assistir a televisão, que no país começa às seis horas da tarde. As crianças começam a ver os desenhos animados, as primeiras atrações da programação. Às sete horas começa a novela “Malhação” e é a vez dos adolescentes e jovens entrarem no mundo da imaginação. Às oito horas começa o telejornal, os jovens cedem espaço para os mais velhos. E por fim chega o momento mais esperado do dia: nove horas da noite todo mundo ocupa o seu espaço na sala, uns no chão, outros na cadeira, no sofá, enfim em qualquer lugar que esteja ao alcance de ver a televisão. E mergulhar mais uma vez aos encantos das estórias, ou seja, para eles a tão sonhada vida brasileira.

Da novela saem vários assuntos para o dia seguinte. Imitam até o linguajar, que às vezes ficam na boca do povo como: “Piranha, tu quer morre pôw?”, “bagulho”, “cafajeste”, “onda de ficar”, “tá ligado”, “já é”, “já era”, entre outras (que às vezes no Brasil é palavrão, mas em Cabo Verde não é considerado insulto). As ruas, as praças, os bares receberam nomes como Cambalacho, Porto dos Milagres, Tieta, entre outras. E tem bairro que recebeu o nome de Brasil, em homenagem ao “país maravilhoso” e por ser um dos bairros mais badalados da Ilha de Santiago.

Apesar dessa invasão de produtos culturais, Cabo Verde ainda permanece com sua tradição. A telenovela abriu as portas para uma outra realidade onde foram extraídos vários temas e mudanças no cotidiano como na moda, na música etc. Mas a cultura caboverdiana é muito forte e mesmo com toda essa invasão, ainda é mantida e respeitada. A

música, a culinária, a dança, a língua, ou seja, toda a tradição caboverdiana ainda é preservada.

A cultura ainda é a identidade do país.

6- CONCLUSAO

É preciso compreender o que é a cultura e sua relação com a comunicação, pois é através dela que os indivíduos se relacionam e interagem em meio ao cotidiano das experiências vividas nas relações sociais. O cotidiano é o contexto das formações discursivas de produção de sentidos e significados, que são atribuídos às identidades. No entanto, cada contexto é específico e impõe suas regras e convenções, configurando uma instabilidade e uma multiplicidade de identidades que sobredeterminam umas das outras. A cultura de Cabo Verde permaneceu muito forte, que mesmo sendo descoberta e explorada pelos portugueses, não se deixou levar pela influência dos europeus. As danças (funaná, morna, coladeira e batuke), músicas, e dialeto permaneceram até hoje e são muito bem preservados pela população.

A língua “crioulo” é um exemplo da resistência da cultura no país, apesar de não ser ainda oficializada. A língua oficial é o português, somente praticado nas escolas, por isso, nem toda a população tem conhecimento deste idioma. Fora das salas de aula, em casa, na rua, nas lojas, todo mundo fala crioulo.

Mas a influência brasileira está presente no comportamento e nos hábitos da população e isso se percebe, no dia-a-dia, na moda, e até na maneira de falar ou mais precisamente, nas gírias usadas no dia a dia. Ela também influenciou desejos, sonhos, estilos de vida.

Vale lembrar que o país era rico em ritos e mitos. E que a sociedade caboverdiana assumia aspectos de uma sociedade masculina, onde se assiste a uma predominância e valorização do homem, dos seus valores e ações, ao passo que a mulher era

quase sempre menosprezada e desvalorizada, remetida para o desempenho das atividades domésticas, às quais era atribuído pouco reconhecimento social. Mas hoje é totalmente diferente, nenhuma família precisa de uma presença masculina para ganhar o respeito da sociedade. Atualmente a maioria da população é composta por mães solteiras. As mulheres ganharam mais maturidade e autonomia perante a sociedade. E a maioria dos entrevistados afirma que depois do aparecimento da televisão e principalmente das telenovelas, as mulheres passaram a se espelhar nas mulheres independentes e autoritárias do folhetim.

Verificou-se que as famílias analisadas consideram a telenovela parte do seu cotidiano, ou seja, a novela está incluída nos afazeres do dia a dia. E isso representa a fuga do real. O público cansado da rotina diária, passou a se espelhar na trama brasileira, fazer dessas histórias uma auto-ajuda. A boa narrativa os transporta ao mundo ficcional, e com isso também organiza uma versão fictícia da realidade social. O poder da imagem é muito maior do que o da narrativa em palavras; por isso a telenovela é um dispositivo mitológico e ideológico.

As famílias se sentem afetadas com algumas cenas e se deixam levar na emoção, demonstrando sentimentos de raiva e isso às vezes gera discórdia entre os membros da família. Cada um torce e se identifica com um personagem. Os vilões sempre são comparados com alguém, embora ninguém demonstre uma identificação pessoal com esse personagem.

Os telespectadores se tornaram dependentes da telenovela. Os hábitos locais mudaram depois da chegada da televisão e mais propriamente da telenovela. As pessoas trocaram as conversas de final da tarde pela telenovela. O folhetim já faz parte da família e da sociedade cabo-verdeana. A televisão hoje é o bem mais precioso do país. Em todas as casas que passamos, a TV tinha seu espaço privilegiado e é decorado e coberto com bordados, do

lado tinha fotos da família ou de uma pessoa ausente. Mesmo as famílias de classe mais alta, que possuem uma sala especialmente para o aparelho, tinham a mesma decoração.

Percebemos certa busca pela identificação dos telespectadores com os personagens. Mesmo sabendo que a realidade da telenovela é diferente da realidade do cotidiano, as pessoas acreditam que no folhetim vão encontrar algo que possam se identificar e às vezes até a ajudarem a resolver vários problemas enfrentados no dia a dia. O tema central das conversas do dia seguinte era sobre a trama, nas escolas, no ônibus, nas instituições, ou seja, em qualquer lugar sempre a novela tinha um espaço para ser debatido e esperam com ansiedade para saberem o que vai acontecer no próximo capítulo.

O público, além de entretenimento, converte-se em consumidor de bens simbólicos e por isso ele imita os gestos, os figurinos e a maneira de falar dos personagens. Todos querem ser iguais a um determinado personagem.

A telenovela influenciou bastante o cotidiano dos caboverdianos, alterando hábitos e costumes e impondo transformações na moda, na música e no comportamento.

Mas o motivo que faz o povo caboverdiano aceitar e consumir os produtos da indústria cultural brasileira é a identificação entre esses dois povos. O Brasil é uma fusão de raça, sangue e cultura fornecidos pelos africanos e portugueses que vieram para cá. Agora, é a vez de Cabo Verde, que também sofreu a influência de colonizadores de Portugal, receber em troca a contribuição cultural dos brasileiros, seus “irmãos de sangue”.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elisa. **As ilhas de Cabo Verde**: da descoberta á independência nacional. Paris: Ed. L'Harmanttan, 1996.

ALMEIDA, Dalmer Pacheco. **Telenovela**: O (in) discreto charme da burguesia. Maceió: Edufal, 1988.

BARBERO, Martín Jesús. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

BELTRÃO, Marília slyter. Interpreting Brazilian telenovelas: Biography and Fiction in rural-urban Audience. In: FADUL, Ana Maria (org.). *Serial Fiction in Tv: the Latin American Telenovela*. São Paulo: ECA/USP, 1993. p 63-67.

BORTOLOTTI, Marcelo. Global, "pero no tanto". Revista Veja: Ed Abril, ano39, n.48, p.138/139. dez. 2006.

CALDERAN BELTRÃO, Pedro. **Sociologia da Família Contemporânea**. 2ª Edição Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.

CAMPEDELLI YOUSSEF, Samira. **A telenovela**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

DICIONÁRIO da TV Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ENGELS, Friedrich, (1999). **A origem da família e da propriedade privada e do estado**. 12ª Edição, Ed. Bertrand, Brasil.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira**. São paulo: Ed. Brasiliense,1997.

- HOEKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**, in dialética do esclarecimento. Ed. Jorge Zahar, 1985
- LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda., 1986.
- LOPES, Maria Immacolata V. **O popular nas pesquisas de comunicação**. Intercom revista brasileira de Comunicação, jul/dez, 1989.
- LOPES FILHO, João. **Ilha de São Nicolau**. Formação da Sociedade e Mudança Cultural. II volume. Secretaria-Geral do Ministério da Educação. Cabo Verde, 1979.
- MARTIN, Isabela. **1b Sacoleiras de Cabo Verde aterrissam no Ceará**. Disponível em: <http://www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=196316>. Acesso em: 02 dez.2007
- MARTIN-BARBERO, Jesus e MUÑOZ. **Televisión y melodrama**. Bogotá: Tercer Mundo Ed., 1992.
- MELO, José Marques. **As telenovelas da globo: produção e exportação**. São Paulo: Summus, 1988.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. O espírito do tempo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.
- MOTTER, Maria L. **Ficção e realidade – Telenovela: um fazer brasileiro**. Ética & comunicação. São Paulo: n.2, dez/ago 2000.
- MUNÓZ, **Mundos de vida y modos de ver** : Televisión y Melodrama. Tercer Mundo, 1992.
- NILDA, Jacks. **Recepção televisiva: pesquisas brasileiras da década de 1990**. Disponível em: <<http://gmje.mty.itesm.mx/jacks.htm>>. Acesso em 30 jun.2006.
- ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões & RAMOS, José Mário. **Telenovela história e produção**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PIRES Pedro. Perfil de um patriota. Disponível em <<http://www.presidenciarepublica.cv>>.

Acesso em: 28 dez 2006

SILVA, António Leão Correia, 2001. “A sociedade Agrária: Gentes das águas: senhores, escravos e forros”. In: SANTOS, Maria Emília (Coord.). Historia Geral de Cabo Verde. Vol.2., 2ª Edição, Lisboa: ICCP, Praia: INAC.

TRINTA, Aluizio Ramos, POLISTCHUK, Ilana. **Teorias da comunicação: pensamento e a prática da comunicação social.** Rio de janeiro: Campus, 2003

TELENOVELAS DA GLODO EXIBIDA EM CABO VERDE

- O Bem Amado
- Felicidade, de Manoel Carlos, dir. Denise Saraceni
- Despedida de Solteiro, de Walter Negrão, dir: Reynaldo Boury
- Mulheres de Areia, de Ivani Ribeiro, dir Wolf Maya
- Sonho Meu, de Marcílio Moraes, dir. Reynaldo Boury
- História de Amor, de Manoel Carlos, dir:Ricardo Wardington
- Anjo Mau, de Maria Adelaide Amaral, dir: Denise Saraceni
- Pecado Capital, de Glória Prez, dir: Wolf Maya
- Força de um desejo, de Gilberto Braga, dir: Marcos Paulo e Mauro Mendonça.
- Ti Ti Ti, de Cassiano Gabus Mendes, dir: Wolf Maya e Fred Confalonieri
- Cambalacho, de Sívio de Abreu, dir: Jorge Fernando
- Brega & Chique, de Cassiano Gabus Mendes, dir:Jorge Fernando
- Sassaricando, de Sívio de Abreu, dir: Cecil Thiré
- Lua Cheio de Amor, de Ricardo Linhares, dir:Roberto Talma
- Perigosas Peruas, de Carlos Lombardi, dir:Roberto Talma
- Deus Nos Acuda, de Sívio de Abreu, dir: Jorge Fernando
- Cara Coroa, de Antonio Calmon, dir: Wolf Maya
- Corpo Dourado, de Antonio Calmon, dir: Marcos Schechtman e Flavio Colatrello
- Selva Pedra, de Janete Clair, dir:Daniel Filho
- Roque Santeiro, de Dias Gomes, dir:Gonzada Blota, Marcos Paulo
- Roda de Fogo, de Lauro César Muniz, dir:Denis Carvalho
- Vale Tudo, de Gilberto Braga, dir:Denis Carvalho

- Tieta, de Aguinaldo Silva, dir:Paulo Ubiratan
- O dono do Mudo, de Gilberto Braga, dir: Denis Carvalho.
- Rainha da Sucata, de Silvio de Abreu, dir:Jorge Fernando
- Fera Ferida, de Aguinaldo Silva, dir:Denis Carvalho
- O Rei do Gado, de Benedito Ruy Barbosa, dir: Luiz Fernando Carvalho.
- A Indomanda, de Aguinaldo Silva, dir: Marcos Paulo
- Por Amor, de Manoel Carlos, dir: Roberto Naar
- Torre de Babel, de Silvio de Abreu, dir; Denise Saraceni
- Suave Veneno, de Aguinaldo Silva, dir: Ricardo Waddington
- Terra Nostra, de Benedito Ruy Barbosa, dir:Jayme Monjardim
- Laços de Família, de Manoel Carlos, dir: Ricardo Waddington
- Porto dos Milagres, de Aguinaldo Silva, dir:Marcos Paulo
- O Clone, de Gloria Perez, dir:jayme Monjardim
- Mulheres Apaixonadas, de Gilberto Braga, dir:Ricardo Waddington
- Celebridade, de Gilberto Braga, dir: Denis Carvalho
- Senhora do Destino, de Aguinaldo Silva, dir Wolf Maya
- América, de Gloria Perz, dir. Marcos Schechtman